Editorial do dossiê: A inserção dos estudos geográficos brasileiros nos estudos globais

Larissa Alves de Lira
Professora Visitante da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Editora-chefe da Revista Geografias

O dossiê que ora apresentamos orientou-se pela seguinte convocação:

“O presente dossiê, proposto pelo atual comitê editorial da Revista Geografias, visa a cobrir uma lacuna sobre o conhecimento da comunidade de geógrafos quanto ao estado da arte do grau de relacionamento de dois campos de estudos. Atualmente, como os estudos geográficos brasileiros se relacionam com os estudos globais e com os estudos sobre a evolução geo-histórica da economia mundial e do sistema-mundo?” (Chamada ao dossiê *A inserção dos estudos geográficos brasileiros nos estudos globais*- Revista Geografias).

O artigo que abre o dossiê denomina-se “A gênese da geopolítica do capitalismo entre Brasil e Estados Unidos” e foi escrito por Raimundo Jucier Sousa de Assis. Em uma análise bem fundamentada, tento teórica quando empiricamente, o autor analisa como “criava-se uma brutal assimetria entre os países” em uma janela de oportunidades cruciais tanto para os Estados Unidos quanto para o Brasil, entre 1873 a 1895. Dessa janela de oportunidades, os Estados Unidos aceleram a sua industrialização, enquanto o Brasil atrasa a sua, o que definirá os destinos desses países na longa duração.

De um lado, o autor adota uma perspectiva crítica da geopolítica, no sentido de entendê-la não apenas como o exercício do poder, mas como a possibilidade de compreensão da criação de assimetria entre os países. De outro, um ponto de vista histórico, que associa história da geografia à história da geopolítica, dando à primeira, mais ampla, um sentido altamente performático de produção dos territórios.

O artigo “As relações de Santa Luzia/MG com a geo-história do Brasil e da economia-mundo capitalista entre os séculos XVIII-XIX”, de Caio Franco Assunção, é uma análise bem documentada sobre os impactos das hegemônias e “recentragens” da economia-mundo capitalista na geo-história do que é hoje uma cidade localizada na região metropolitana de Minas Gerais.

O arcabouço teórico do autor são autores clássicos e contemporâneos da geo-história e da geoeconomia, como Fernand Braudel e Giovanni Arrighi, além da historiografia brasileira, como Caio Prado Jr e outros mais contemporâneos. O artigo tem a dupla vantagem de conectar processos históricos e territoriais brasileiros aos processos globais, bem como articular historiografias cuja associação é latente há muitos anos, qual seja, a associação das perspectivas geo-históricas com as ideais de Caio Prado Jr e outros autores brasileiros.

O artigo “A economia do cacau em Gana no início do século XXI”, de Kauê Lopes dos Santos, tem a particularidade de olhar para a África como um objeto em si, fora de alguns condicionantes muito específicos que poderiam marcar as pesquisas no Brasil sobre outras regiões do mundo, e, em especial, sobre os países africanos.

Esses condicionantes poderiam ser as relações do Brasil com Gana, temas de diáspora, o compartilhado do passado do tráfico escravista, entre outros. Ao contrário, o artigo pretende olhar para colocação de Gana no mundo no século XXI, sem que o olhar brasileiro esteja necessariamente subentendido. Além disso, Lopes dos Santos realizou trabalho de campo no país. Por tudo isso, seu trabalho delinea a possibilidade de se consolidarem estudos de tipo “africanistas” na Geografia do Brasil, o que é uma perspectiva promissora.

Essa tendência aos estudos geográficos “brasileiros” internacionais sem conexões diretas com o Brasil também se verifica no artigo “A cooperação internacional e os estudos geográficos - um olhar sobre estratégias Chinesas para a África e a Ásia Central”, escrito por André Santos da Rocha, Jonathan Christian Dias dos Santos e Pablo Ibañez.

Inseridos em análise de perspectivas longas que marcaram os estudos da economia-mundo, os autores afirmam a possibilidade de que a emergência chinesa altere o paradigma das relações diplomáticas estabelecidas da longa duração, qual seja, uma relação imperial ou baseada na relação centro-periferia.

Ao contrário, a emergência chinesa parece estar delineando uma “democratização do sistema internacional”, na cooperação internacional e no “padrão *win-win* (ganha-ganha)”. Por fim, o artigo não aborda a cooperação China-Brasil, mas China-África, e China-Ásia central. Esse trabalho foi desenvolvido no LAGEP/UFRRJ (Laboratório de Geografia Econômica e Política da UFRRJ) e, em especial, na linha “geografia política do mundo contemporâneo”. A institucionalização de estudos chineses, africanistas ou do Sul Global em estruturas de laboratórios nas universidades brasileiras apontam perspectivas promissoras do entendimento de outros países no mundo a partir do Brasil.

Apesar de investir em um maior aprofundamento no debate teórico, apoiando-se nas perspectivas da geopolítica crítica, Gustavo Luiz Xavier de Abreu, autor do artigo “Cooperação Sul-Sul entre Brasil e África: utilizando a geopolítica crítica para analisar a construção da hegemonia no caso do Cotto-4 + Togo”, nos oferece uma possibilidade de comparação no interior do próprio dossiê. Como dão-se as relações China-África e as relações Brasil-África? Assim, seus resultados podem ser comparados aos de André Santos da Rocha, Jonathan Christian Dias dos Santos e Pablo Ibañez. Esse convite à comparação permite traçar múltiplas possibilidades de caracterização das relações Sul-Sul, visto que em alguns momentos fique claro que as perspectivas teóricas podem levar a interpretações divergentes.

Os artigos deste dossiê apresentam uma dialética promissora. Trata-se de *aproveitar* a sua condição de serem estudos que partem do Brasil para compreender outros países sem que necessariamente o ponto de vista brasileiro esteja explícito ou que o Brasil seja um objeto de investigação no que tange ao relacionamento direto com esses países. Pressupõe-se, portanto, um ponto de vista brasileiro e do sul como possuindo seus próprios benefícios heurísticos. Em contexto decolonial, em que pode-se atribuir o desenvolvimento das

ciências humanas e da geografia contemporâneas, pode-se dizer que o olhar geográfico brasileiro caminha para se tornar um dos olhares universais? Ou já o é há muito tempo e vem se consolidando?

O contrário também se verifica neste dossiê, ou seja, como teorias globais contemporâneas podem nos ajudar a compreender o Brasil, suas regiões e cidade. Autores que se *destacam* neste conjunto de artigos são John Agnew, David Harvey, Karl Polanyi, Thomas Piketty, Giovanni Arrighi, Milton Santos, Fernand Braudel, Caio Prado Jr e (apenas) uma mulher, Emma Mawdsley, além dos próprios autores dos artigos, é claro.

ERRATA

- No *Editorial do dossiê: A inserção dos estudos geográficos brasileiros nos estudos globais*, de autoria de Larissa Alves de Lira, publicado na Belo Horizonte, v. 16, n. 2, jul./dez. 2020, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.28, n. 2, 2020”

Leia-se:

“Belo Horizonte, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, jul./dez. 2020”

- No artigo *A gênese da geopolítica do capitalismo entre Brasil e Estados Unidos*, de autoria de Raimundo Jucier Sousa de Assis, publicado na Belo Horizonte, v. 16, n. 2, jul./dez. 2020, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.28, n.2, 2020”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 16, n. 2, jul./dez. 2020”

- No artigo *As relações de Santa Luzia/MG com a geo-história do Brasil e da economia-mundo capitalista entre os séculos XVIII-XIX*, de autoria de Caio Franco Assunção, publicado na revista Geografias, v. 16, n. 2, jul./dez. 2020, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.28, n.2, 2020”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 16, n. 2, jul./dez. 2020”

- No artigo *A economia do cacau em Gana no início do século XXI*, de autoria de Kaue Lopes dos Santos, publicado na revista Geografias, v. 16, n. 2, jul./dez. 2020, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.28, n.2, 2020”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 16, n. 2, jul./dez. 2020”

- No artigo *A cooperação internacional e os estudos geográficos: um olhar sobre estratégias Chinesas para a África e a Ásia Central*, de autoria de André Santos da Rocha, Jonathan Christian Dias dos Santos e Pablo Ibañez, publicado na revista Geografias, v. 16, n. 2, jul./dez. 2020, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.28, n. 2, 2020”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 16, n. 2, jul./dez. 2020”

- No artigo *Cooperação Sul-Sul entre Brasil e África utilizando a geopolítica crítica para analisar a construção de hegemonia no caso do Cotton-4+Togo*, de autoria de Gustavo Luiz Xavier de Abreu publicado na revista Geografias, v. 16, n. 2, jul./dez. 2020, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.28, n.2, 2020

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 16, n. 2, jul./dez. 2020”

- No artigo *Cartografias não institucionais da pandemia: Mapeando a dispersão espacial da COVID-19 em Belo Horizonte*, de autoria de Eugenia Cerqueira, publicado na revista Geografias Belo Horizonte, v. 16, n. 2, jul./dez. 2020, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.28, n.2, 2020”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 16, n. 2, jul./dez. 2020”

- No artigo *Dinâmica hidrossedimentológica em ambiente fluvial lântico no sudoeste da Amazônia – Rio Branco – Acre: investigação inicial do processo de assoreamento em canal fluvial*, de autoria de Waldemir Lima dos Santos, Pamela Moura da Silva e José Genivaldo do Vale Moreira, publicado na revista Geografias, v. 16, n. 2, jul./dez. 2020, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.28, n.2, 2020”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 16, n. 2, jul./dez. 2020”

- No artigo *Do espaço público de lazer ao espaço público do medo o caso da Praça Waldemar Henrique na cidade de Belém (PA)*, de autoria de Elcivânia de Oliveira Barreto e Simão Bossi Santana, publicado na revista Geografias, v. 16, n. 2, jul./dez. 2020, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.28, n.2, 2020”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 16, n. 2, jul./dez. 2020”